

Vamos
meter
a colher,
sim

UMA CARTILHA COM
CINCO PASSOS PARA
UM PACTO DAS EMPRESAS
PELO FIM DA VIOLÊNCIA
CONTRA AS MULHERES

magazineluiza

Em julho de 2017, o **Magazine Luiza** vivenciou uma tragédia. A gerente de uma das lojas da empresa, com uma carreira promissora pela frente e apenas 38 anos de idade, foi assassinada de forma brutal pelo seu ex-companheiro.

Abalada com a fatalidade, a presidente do conselho de administração da companhia, **Luiza Helena Trajano**, tomou uma decisão: **estender ao mundo corporativo sua atuação no enfrentamento da violência contra a mulher, antes restrita ao âmbito do Grupo Mulheres do Brasil.** Afinal, naquele momento, havia ficado evidente para Luiza que o problema não era uma realidade distante dos milhares de colaboradoras da companhia e, portanto, o Magazine Luiza deveria ajudá-las a romper o ciclo de violência.

Para isso, entendeu-se que, além de desconstruir o tabu que impedia de tratar o assunto de

forma clara dentro da companhia, seria necessário criar condições que permitissem às mulheres pedir ajuda.

Nascia ali o Canal da Mulher, que está aberto para ouvir não só as próprias vítimas como também qualquer colaborador disposto a informar à companhia sobre colegas, lideranças e subordinadas submetidas a uma situação de violência.

Com o intuito de compartilhar o aprendizado dessa experiência e de outras empresas e instituições parceiras que também atuam no enfrentamento da violência contra a mulher, **como Maria da Penha, Avon, Patrícia Galvão, Natura, Hospital Albert Einstein, Sodexo e Atento, esta cartilha descreve o passo a passo da implantação de um canal dedicado ao assunto e de como fazer o acolhimento e o acompanhamento das vítimas.**

O porquê
desta cartilha

Por que o assunto é relevante?

O cronômetro da violência contra as mulheres no Brasil

1 estupro a cada **11 minutos**⁽¹⁾

1 mulher assassinada a cada **2 horas**⁽¹⁾

503 vítimas de agressão a **cada hora**⁽²⁾

5 espancamentos a cada **2 minutos**⁽³⁾

Quais os impactos econômicos da violência contra a mulher?

As **Nações Unidas** alertam que a violência contra as mulheres pode custar cerca de 1,5 trilhão de dólares ao ano, o equivalente a 2% do PIB mundial.

Um estudo realizado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em 2017 estima que a economia do Brasil perca cerca de **1 bilhão de reais com as consequências da violência doméstica sofrida por trabalhadoras**.

Segundo essa mesma pesquisa, **as vítimas de agressão dentro de casa faltam, em média, 18 dias por ano ao trabalho** e, em consequência, passam menos tempo empregadas em uma empresa do que aquelas que não sofrem violência — apenas 58 meses, ante os 78 meses da média das trabalhadoras.

PORTANTO

Os estudos sugerem que as empresas devem se envolver no combate à violência contra a mulher, não só por razões humanitárias como também por pragmatismo. Afinal, o problema reduz a produtividade das colaboradoras e implica aumento de custos com a saúde física e mental.

1. 11ª Edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2017)

2. Pesquisa Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil (Data Folha/FBSP, 2017)

3. Mulheres Brasileiras nos Espaços Público e Privado (FPA/Sesc, 2010).

Dados compilados no Dossiê Violência contra as Mulheres. Instituto Patrícia Galvão

Como agir dentro da empresa?

CINCO PASSOS
PARA APOIAR
AS COLABORADORAS
QUE SÃO VÍTIMAS
DA VIOLÊNCIA

1

Monte um comitê

Selecione profissionais da empresa e forme um comitê para discutir como o enfrentamento da violência contra a mulher deve ser tratado internamente. **Executivos de recursos humanos, comunicação e compliance podem liderar o grupo, mas colaboradores de todas as áreas de negócio também devem participar da iniciativa.**

O envolvimento da área de recursos humanos da empresa, sobretudo de assistentes sociais e psicólogos, é importante para dar a assistência necessária à vítima. Para isso, recomenda-se que esses profissionais estabeleçam parcerias com órgãos e grupos que tenham como propósito ajudar mulheres nessa situação. A fim de enriquecer a discussão e ajudar a nortear as ações, inclua no comitê membros de ONGs⁽¹⁾, da academia e do poder Público que sejam especialistas no assunto.

1. Algumas ONGs, como o Instituto Maria da Penha, oferecem esse serviço *in company*.

2

Comunique a iniciativa

Use os canais de comunicação internos da empresa para trazer à tona com frequência o tema da violência contra a mulher. Envolve a alta liderança nesses comunicados e **passe de maneira clara a mensagem de que a colaboradora nessa situação deve procurar ajuda e conta com o apoio da companhia para sair do ciclo de violência.**

Todos os demais colaboradores devem ser estimulados a informar a companhia caso saibam de alguma colega, liderança ou subordinada que esteja submetida a uma situação de violência — física, psicológica, moral, patrimonial ou sexual.

3

Crie um canal

Institua um canal para receber relatos de violência contra a mulher. Ele pode ser estruturado internamente ou mantido por uma empresa especializada. O importante é que os profissionais responsáveis pelo trabalho **ouçam a vítima sem fazer nenhum julgamento de valor e garantam o sigilo absoluto da conversa.**

DICA

Se optar por ter dentro da empresa um canal de voz para o recebimento dos relatos, dê prioridade a atendentes mulheres para gerar empatia com as vítimas.

4

Ofereça
apoio

QUANDO A VÍTIMA DA VIOLÊNCIA QUER DENUNCIAR O AGRESSOR

Dê a orientação à colaboradora para que registre ocorrência em uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher (Deam). A maioria dos municípios do Brasil, porém, não possui uma Deam. Nesse caso, o caminho é ir até uma delegacia comum.

Caso a vítima não tenha quem possa acompanhá-la, alguém da empresa deve apoiá-la nesse momento. Isso porque é comum que, numa situação fragilizada como essa, mulheres sem apoio desistam de fazer a denúncia no último momento. Cabe à companhia informar a colaboradora sobre os órgãos que compõem a rede de atendimento à mulher em situação de violência. Outra informação que deve ser repassada são os tipos de violência doméstica previstos na Lei Maria da Penha e os mecanismos estabelecidos por essa lei, como as medidas protetivas⁽¹⁾ de urgência, para ajudá-la a fazer uso desse instrumento.

QUANDO A COLABORADORA VÍTIMA DA VIOLÊNCIA NÃO QUER DENUNCIAR O AGRESSOR

Nesse caso, o papel da empresa é ajudar a vítima a se fortalecer e a identificar os fatores que a impedem de romper o ciclo de violência. Esses fatores podem ser de diversas naturezas, desde questões financeiras e sociais até culturais e psicológicas. A empresa também pode encaminhar a colaboradora ao Centro de Referência da Mulher, um local especializado em amparar a mulher em situação de violência. Outros órgãos públicos e instituições similares podem auxiliar. Entre eles estão o Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, o Núcleo de Promoção e Defesa dos Direitos da Mulher (Nudem), da Defensoria Pública, o Núcleo de Gênero do Ministério Público, o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e a OAB Mulher.

1. Medidas protetivas de urgência são aquelas concedidas pelo juiz em favor da mulher. Elas têm como objetivo cessar a violência. Exemplo: proibição do agressor se aproximar da vítima e de contatá-la, assim como a seus familiares e testemunhas.

5

Acompanhe os CASOS

Designe uma profissional da companhia ou um parceiro externo para fazer o monitoramento do status de cada um dos casos de violência e registre as informações coletadas. A periodicidade com que esse controle deve ser feito varia de acordo com a gravidade de cada situação, **mas é fundamental que a empresa esteja a postos para intervir sempre que for necessário.**

Exemplos

*de combate
à violência*

UM PANORAMA
DE COMO ALGUMAS
EMPRESAS ESTÃO
ENFRENTANDO
O PROBLEMA

como
atualizamos

magazine luiza

PREVENÇÃO

Uso frequente dos veículos de comunicação internos, como TV, rádio e redes sociais, para “furar a nuvem”, ou seja, trazer à tona a questão da violência contra a mulher e a importância de combatê-la — um tema que costuma ser ignorado ou tratado de forma muito velada no meio corporativo. Além disso, as mensagens reforçam o apoio da companhia às colaboradoras que passam por esse problema.

INTERVENÇÃO

Manutenção do Canal da Mulher, que permite às vítimas, de forma segura e sigilosa, pedir ajuda. O canal também pode ser usado por qualquer colaborador que queira relatar à empresa uma situação de violência vivida por uma colega, liderança ou liderada.

SUPORTE

Apoio e orientação psicológica, jurídica e até mesmo financeira à vítima de violência para que denuncie o agressor em uma Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher ou em uma delegacia comum.

Quando a colaboradora não se mostra preparada para fazer a denúncia, a empresa oferece apoio psicológico. Uma vez que esteja disposta a denunciar, a vítima é encaminhada a órgãos públicos e grupos para ajudá-la a se fortalecer e romper o ciclo de violência.

como atuam

Atento

PREVENÇÃO

Realização de campanhas de conscientização por meio de diversos canais, de modo a atingir, inclusive, os colaboradores que não têm acesso a e-mail. Além do envio de notícias por e-mail e exibição de conteúdos sobre o tema na intranet, a empresa veicula o assunto na rádio e televisão corporativos. O engajamento também é promovido pela equipe de comunicação da companhia ao longo do ano, sobretudo durante o mês de março, quando se comemora o Dia Internacional da Mulher.

INTERVENÇÃO

Manutenção de um canal interno — o Atento Social —, que atende por telefone e pela internet solicitações de aconselhamento psicológico em diversos temas, desde problemas de saúde até conflitos familiares, entre eles a violência contra a mulher. Por intermédio desse canal, as vítimas podem solicitar, de maneira segura e sigilosa, apoio e orientação das áreas de responsabilidade social, saúde e bem-estar da empresa.

SUORTE

Quando uma situação de violência é identificada pelos canais de contato, a mulher é encaminhada a um serviço de acolhimento que oferece apoio de médicos, psicólogos e assistentes sociais da empresa. O objetivo é orientá-la sobre como romper o ciclo de violência, fazendo com que ela se fortaleça para buscar os órgãos públicos competentes de proteção à mulher.

como atuam

Hospital Albert Einstein

PREVENÇÃO

Implantação de um comitê voluntário, o Comitê Mulheres, que se reúne quinzenalmente para identificar, discutir e combater casos de violência contra a mulher dentro da empresa. Os assuntos que pautam os profissionais do comitê, oriundos de várias áreas do hospital, são repassados a toda a empresa por meio de palestras educativas, via intranet e também durante as dinâmicas de integração de novos funcionários.

INTERVENÇÃO

A empresa mantém um canal telefônico confidencial e sigiloso que oferece ajuda às funcionárias nessas situações. As vítimas também podem recorrer aos membros do Comitê Mulheres — e qualquer gestor está capacitado para identificar casos de violência entre suas subordinadas. Em situações emergenciais, as mulheres são encaminhadas por um psicólogo a algum hospital da rede credenciada ou recebem a visita de um assistente social em casa. Para garantir a correta análise e o devido acompanhamento de cada processo, a equipe de atendimento telefônico se reporta diretamente ao comitê.

SUORTE

Assistência que garante à funcionária uma eventual mudança de turno ou de local de trabalho, além de atendimento psicológico também para seus dependentes, em geral filhos. Ela é orientada por advogados a respeito das medidas judiciais cabíveis, de acordo com o caso, de modo a garantir a própria proteção e a punição do agressor. Durante esse processo, também é oferecido à vítima um serviço de psicoterapia semanal.

como atuam

Sodexo

PREVENÇÃO

Uso dos canais internos de comunicação, como intranet e e-mail, para repassar semanalmente a toda a força de trabalho mensagens sobre o tema. A abordagem baseia-se na explicação dos diferentes tipos de violência contra a mulher, para além dos casos de agressão física, e na divulgação do número 180, canal de denúncia do governo para essas situações. A comunicação também se dá por meio de vídeos gravados pela alta liderança, difundidos a todos os funcionários. A estratégia compreende ainda um grupo de lideranças femininas, que se reúne quatro vezes por ano para discutir o assunto na companhia.

INTERVENÇÃO

Manutenção de um canal telefônico de apoio que se destina a receber relatos sobre vários assuntos, entre eles casos de violência contra a mulher — tudo de maneira confidencial. Os contatos geram relatórios temáticos e regionais sobre o tema, analisados mensalmente pela área de diversidade da companhia. O departamento de recursos humanos e os gestores também estão aptos a oferecer ajuda.

SUORTE

Orientação psicológica, jurídica e financeira às vítimas de violência por meio de um canal telefônico. Há ainda um segundo canal de atendimento, voltado para questões de ética e conduta, por meio do qual as denúncias são comunicadas a uma rede de funcionários aptos a prestar apoio a essas mulheres no ambiente de trabalho. A empresa também participa do projeto Tem Saída, uma iniciativa do Ministério Público Federal para o enfrentamento da violência contra a mulher.

como atuam

Avon

PREVENÇÃO

Inserção do tema nos programas de educação para funcionários, gestores e força de vendas. Assim, cada funcionário novo passa, obrigatoriamente, por um processo de sensibilização sobre o assunto. Durante as atividades da semana de prevenção a acidentes do trabalho, a temática também é inserida. Além disso, o RH, o serviço de saúde e pessoas que ocupam cargos de liderança passam por um treinamento de três horas sobre os tipos de violência contra a mulher e os recursos de proteção à vítima previstos na Lei Maria da Penha. Uma campanha anual também leva o assunto a todos os funcionários por meios de cartazes e vídeos.

INTERVENÇÃO

Manutenção de um canal telefônico que não só oferece aos funcionários orientação sobre questões pessoais, jurídicas e financeiras como também recebe relatos e denúncias de violência contra a mulher. As vítimas são, então, entrevistadas por profissionais de recursos humanos ou do serviço de saúde para que a melhor conduta seja adotada: acolhimento, afastamento temporário ou até transferência de local de trabalho.

SUORTE

Autorização para a funcionária vítima de violência ir à delegacia e fazer perícia durante o horário de trabalho ou receber uma licença de até dez dias. Em alguns casos, a empresa oferece um advogado para assessorar a vítima ao longo do processo. Para isso, foi criado um fundo cujo objetivo é arcar com as despesas relacionadas.

onde encontrar apoio e informação

Instituto Avon

Há 15 anos o Instituto Avon, braço de investimento social da Avon, investe no combate ao câncer de mama e no enfrentamento da violência contra a mulher. De lá para cá, foram mais de 300 projetos e ações apoiados e 6 milhões de mulheres beneficiadas.

www.institutoavon.org.br

Instituto Maria da Penha (IMP)

O Instituto Maria da Penha é uma ONG fundada por Maria da Penha, que foi vítima de agressão e empresta seu nome à Lei Federal n.º 11.340/06. O IMP atua na prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher e contribui para a aplicação integral da Lei Maria da Penha ao monitorar a implantação e o desenvolvimento das melhores práticas e políticas públicas para seu cumprimento.

www.institutomariadapenha.org.br/2016/

Comitê Maria Bonita

O Comitê de Combate à Violência contra a Mulher do Grupo Mulheres do Brasil, também conhecido como Comitê Maria Bonita, é formado por centenas de mulheres, todas voluntárias. São profissionais, das mais diferentes searas, que trabalham para diminuir e acabar com todas as formas de violência contra as mulheres. Para tanto, encabeçam projetos próprios e firmam parcerias com os setores público e privado e com outras ONGs.

www.grupomulheresdobrasil.com.br

Instituto Patrícia Galvão

Fundado em 2001, é uma ONG que atua de forma estratégica na articulação entre as demandas pelos direitos das mulheres e a visibilidade e o debate público sobre essas questões na mídia.

www.agenciapatriciagalvao.org.br

Acesse a versão digital desta cartilha
maga.lu/cartilhamulher

setembro 2018

magazineluiza